

**“SOBRE O CONCEITO
DE RELAÇÃO”,
última lição
de Luís Moita**



Brígida Brito
Coordenação



OBSERVARE

Observatório de Relações Exteriores
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA



**“SOBRE O CONCEITO
DE RELAÇÃO”,
última lição
de Luís Moita**



Brígida Brito
Coordenação



Título

“Sobre o Conceito de Relação”, última lição de Luís Moita

Coordenação

Brígida Brito

Transcrição

Ricardo Sousa

Editor

Universidade Autónoma de Lisboa

OBSERVARE

Cátedra Luís Moita: Humanismo e Relações Internacionais

Coordenação Editorial

Raquel Medina Cabeças, Autónoma Cultura

e-ISBN 978-989-9002-69-2

DOI <https://doi.org/10.26619/978-989-9002-69-2>

© OBSERVARE, Universidade Autónoma de Lisboa e Cátedra Luís Moita: Humanismo e Relações Públicas

“Sobre o Conceito de Relação”, Última lição de Luís Moita / coord. Brígida Brito – Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa; OBSERVARE, Cátedra Luís Moita: Humanismo e Relações Internacionais, 2026.

e-ISBN 978-989-9002-69-2

DOI <https://doi.org/10.26619/978-989-9002-69-2>

1. Luís Moita 2. Humanismo 3. Relações Internacionais

CDU 327

Índice

INTRODUÇÃO DA ÚLTIMA LIÇÃO — <i>Brígida Brito</i>	4
"SOBRE O CONCEITO DE RELAÇÃO", ÚLTIMA LIÇÃO — <i>Luís Moita</i>	9
O PERCURSO DO PROFESSOR LUÍS MOITA NA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA — <i>Brígida Brito</i>	20

INTRODUÇÃO DA ÚLTIMA LIÇÃO DE LUÍS MOITA

Brígida Brito

INTRODUÇÃO DA ÚLTIMA LIÇÃO DE LUÍS MOITA

Magnífico Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa,
Excelentíssimos Senhores Administradores,
Professor Luís Moita,
Caros colegas, alunos e todos os presentes,
uma boa tarde a todos.

Hoje é um dia muito importante na vida académica da Universidade Autónoma de Lisboa e, de forma muito particular, na vida de todos nós. O Professor Luís Moita profere a sua última lição, que não é uma despedida, mas antes uma outra forma de continuar a trabalhar connosco.

Foi-me confiada a introdução da sua última lição e confesso que, desde o primeiro minuto, esta tarefa representou uma grande responsabilidade. Por um lado, por introduzir a *Última Lição* do Professor. Por outro lado, porque de uma forma simbólica e atendendo ao meu percurso académico e profissional, represento os alunos, os investigadores, os professores em início de carreira, os professores que foram consolidando o seu percurso profissional ao longo do tempo e aqueles que coordenam ou coordenaram ciclos de estudos, projetos, linhas de investigação, mas também os funcionários e os colaboradores da Universidade. Na verdade, represento todos os que foram criando laços de amizade com o Professor Luís Moita.

Com a maior humildade, confesso-vos que ponderei muito sobre a forma como iria introduzir ou apresentar esta sessão, procurando ser breve, objetiva e centrando-me numa pessoa que todos conhecemos bem e que respeitamos pelo seu carácter, pela forma ímpar de entender a pedagogia, pelo trabalho académico e científico que tem vindo a desenvolver e através do qual nos ensinou que o caminho se faz caminhando. Deixem-me então fazer umas breves referências.

Eu conheci o Professor Luís Moita nessa qualidade, a de professor. Foi em outubro de 1988, no início do segundo ano da minha licenciatura em Sociologia nesta

mesma Universidade. A imagem que retenho até hoje é a de um professor entrando na sala de aula com a sua bem conhecida mala de pele castanha e um enorme sorriso, cumprimentando-nos com grande cordialidade e uma atitude informal e leve que nos cativou de imediato.

Sentou-se, abriu a mala e dela retirou um pequeno cinzeiro que colocou em cima da mesa indicando-nos que naquela altura era fumador e que se não nos importássemos provavelmente sentiria a necessidade de fumar um ou outro cigarro. Eu, que não era fumadora e seria um pouco reativa, confesso, ter sido dos poucos alunos da turma – talvez a única – a reagir com surpresa e com algum aparente desconforto. O resultado foi, para mim, surpreendente: uma negociação, quando se acendesse o cigarro a janela também se abria.

Esta impressão ficou registada em mim e foi sendo reforçada ao longo do tempo. Trinta e um anos de convivência e aprendizagem evidenciada pela sua extrema capacidade de ouvir e compreender, negociar e ceder. E assim foi, ao longo dos cinco anos da licenciatura, em que o Professor Luís Moita lecionou quatro disciplinas. Apesar dos temas variarem, o prazer que tínhamos em acompanhar os conteúdos e ouvir as histórias vivenciadas era grande e partilhado por todos.

No último semestre, o Professor convidou-me para Assistente, e com o peso da responsabilidade, mas certa do desafio compensador que tinha pela frente, fiz a minha passagem de aluna para um percurso de aprendizagem ao longo da vida, que é aquele que melhor caracteriza a vida de um professor: nunca parar de estudar, nunca parar de aprender. Enquanto sua Assistente, passei da Sociologia para os Estudos Africanos e para os Estudos do Desenvolvimento, que em grande medida e por sua influência me apaixonam até hoje. Primeiro com o Mestrado, depois com o Doutoramento e ainda com a investigação de Pós-Doutoramento. E o professor sempre a acompanhar os meus passos que não foram todos dados aqui.

Após a conclusão do Doutoramento, e sem deixar de me preocupar com as questões do desenvolvimento africano, centrei-me de forma direta nesta área científica desafiante à qual me dedico há uns catorze, quinze anos, que é a das Relações Internacionais. E desde então integrei projetos de edição e de investigação, alguns idealizados pelo Professor, construídos passo a passo em equipa e dos quais, ao fim de um conjunto alargado de anos, todos nós nos orgulhamos.

Este caminho que tenho feito desde há vinte e sete anos, após iniciar a vida de professora, foi inicialmente orientado pelo Professor Luís Moita, por ele acompanhado ao longo do tempo e sempre respeitado, mesmo quando as nossas opiniões divergiam, o que aconteceu, e mesmo quando as minhas opções pareceram imprevistas, o que também sucedeu. E o Professor lá estava. Sempre acolhedor, respeitador, bom ouvinte, muitas e muitas vezes sem se manifestar, escutando e obrigando-me a pensar e a decidir por mim, tal como fazem os amigos, mas sobretudo com uma grande capacidade de aceitação e de tolerância, procurando compreender as minhas razões.

Ser professor requer, entre outras características, ter curiosidade científica, procurar o conhecimento, criar um pensamento lógico, demonstrar capacidade de comunicação, seguir o rigor metodológico, ter dedicação e interesse, manifestar atenção pelos alunos e envolvimento com os temas que se estuda e ensina.

Mas além destes aspetos que o Professor Luís Moita reúne e que sempre lhe reconhecemos, e que de alguma forma podem ser adquiridos através da experiência e do aprimoramento dos métodos de ensino ao longo do tempo, *Ser Professor*, com maiúscula, revela-se em outros traços de personalidade que acredito que são inatos. Estes podem ser definidos pela característica que talvez melhor defina o Professor Luís Moita: o Humanismo. O Professor Luís Moita é, antes de mais, um humanista.

Certamente que muito mais haveria para dizer sobre *O Professor* que tão bem conhecemos, de quem tanto gostamos, a quem tanto devemos e temos de agradecer, na Universidade Autónoma de Lisboa, mas também no exterior, e que pelo seu carácter é para todos nós uma inspiração.

Vamos então ouvir a sua última lição.

Brígida Brito

Universidade Autónoma de Lisboa, 11 de julho de 2019



Professor Luís Moita na sua última lição.

Créditos: UALMedia

**"SOBRE O CONCEITO DE RELAÇÃO",
ÚLTIMA LIÇÃO DE LUÍS MOITA**

Luís Moita

"SOBRE O CONCEITO DE RELAÇÃO", ÚLTIMA LIÇÃO DE LUÍS MOITA

Sr. Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa, no nosso entendimento, este é um ato académico, no essencial académico na boa tradição da Academia portuguesa das pessoas se jubilarem quando atingem estas idades. Mas na sua qualidade de autoridade académica máxima da Universidade Autónoma de Lisboa, eu peço-lhe a autorização para tomar a palavra.

Muito obrigado.

Em boa verdade, meus Amigos, aquilo que me apetecia mais que tudo era conseguir dirigir-me individualmente a cada um, personalizadamente, porque estão aqui concentrados tantos Amigos que eu me sentiria na obrigação de o fazer.

Não vai ser possível, e, portanto, eu sinto-me ao menos na obrigação protocolar de distinguir algumas presenças, mas enfim, pelo respeito que nos merecem, peço-lhes a autorização também para as distinguir. E antes de mais, o Sr. Presidente da Assembleia da República, o Eduardo Ferro Rodrigues, com a sua mulher Filomena, que nos dão a honra de participar neste evento, a ele dirijo as primeiras saudações. É certo que também há outras pessoas que, pela sua natureza, eu tenho absolutamente a obrigação de referir.

Para já a Ana Santos Pinto, Secretária de Estado da Defesa Nacional. Já agora está o Sr. General Martins, General Diretor do Instituto Universitário Militar. Sei que há outras grandes personalidades presentes que eu tenho também a necessidade de mencionar. Está a Helena Carreiras, recém-empossada Diretora do Instituto de Defesa Nacional. Está uma pessoa que me avisaram que estaria, eu não sei se estou a fazer gaffe: Maria Emília Brederode Santos, Presidente do Conselho Nacional de Educação. Se ela não está, façamos de conta que está e saudemo-la na sua ausência. Bom, eu a dizer e acabou de entrar. Maria Emília, por favor, sente-se onde... Boa coincidência, eu estava a saudar a sua presença, na dúvida se já teria chegado ou não. Como veem, nós não precisamos de quotas para as mulheres, porque a paridade de género foi a favor delas, nas pessoas que eu acabei de referenciar.

Enfim, e inibio-me de referenciar mais pessoas, porque nunca mais acabaria esta introdução. Tenho que deixar-vos uma palavra muito sentida ao Conselho de Administração da Cooperativa de Ensino Universitário que sustenta esta Universidade e que nos proporcionou este encontro. E que me tolerou, depois dos meus setenta anos a trabalhar a mais durante estes dez. Ainda por cima, acertámos reciprocamente que isto não é uma despedida, que eu vou continuar a dar esporadicamente aulas e a trabalhar em processos de investigação. Como veem, este momento tem um carácter razoavelmente simbólico. E eu recordo-vos que, a pouco tempo de completar os meus oitenta anos, acho que faz todo o sentido e se justifica esta transição.

Eu tenho um percurso muito vasto de professor. Recordo-me que comecei no Externato Ramalho Ortigão das Caldas da Rainha. A maior parte de vocês ainda não era nascida, de certeza. Depois fui professor no Seminário Maior dos Olivais, no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Aqui peço um parêntesis. Não fiz referência a pelo menos dois representantes de nossos deputados que estão aqui presentes. Por causa de Coimbra, lembrei-me de José Manuel Pureza. E também já acolhi aqui a Helena Roseta, que merece uma saudação especial, nessa qualidade. Porque não são mais meus amigos que os outros.

No ISCTE, fui professor bastante tempo. No Instituto de Altos Estudos da Força Aérea, depois no Instituto de Estudos Superiores Militares, e agora Instituto Universitário Militar, mas, sobretudo, nesta Universidade Autónoma de Lisboa, onde ensino desde 1988. Esporadicamente, eu fui dando também aulas em Barcelona e Madrid, em Génova, Turim e Roma, em Buenos Aires e São Paulo, em Luanda e Dili.

Enfim, quando me tratam por Professor, confesso que não me reconheço nisso um título, mas uma identidade. É um pouco a minha história de vida. Tenho aqui uma nota a dizer assim: nestas matérias fui aprendendo muito na atividade de docente. Passei pela História e pela Filosofia, pela Teologia e pela Ética, pela Epistemologia e pela Sociologia. Trabalhei sobre o Sagrado e o Profano, o Civil e o Militar, o Individual e o Coletivo.

Mas se há hoje tema sobre o qual eu gostaria de vos falar, é sobre o Conceito de Relação. Se estamos de acordo, eu começo por aí. Não vos vou aqui referenciar um tema para a minha vida intelectual importantíssimo na medida em que

comecei por estudar a Ética, e a um dado momento captei uma frase genial de um filósofo, que dava uma mensagem tão curta e tão densa como isto: “A necessidade de remontar a Ética da Obrigação para a Ética do Desejo”.

Esta primeira palavra mágica que aqui vos deixo, o desejo, é para mim bem mais importante que o vínculo à obrigação perante uma norma.

Enfim, quem tem também na cabeça a tradição judaico-cristã, saberá dizer que, antes da lei atribuída a Moisés, que impõe a obrigação face ao mandamento, há a promessa feita a Abraão, que desencadeia a esperança. E, portanto, o binómio promessa-espurança é anterior ao binómio norma-obrigação. Isto pode parecer uma coisa quase inútil, mas digo-vos para mim, foi luminoso fazer esse percurso no início da minha carreira académica.

O essencial da minha tese de doutoramento¹ na altura foi, se quiserem, sobre a intersubjetividade. Ou seja, a interação, a relação entre sujeitos. E nisso está a questão essencial, digamos, do imperativo ético, é a forma como nós assumimos conscientemente a interdependência mútua que constitui as nossas existências coletivas.

Em boa verdade, meus amigos, a minha convicção é sempre esta, que nós existimos uns por causa dos outros. É o tecido das nossas relações que nos constitui como pessoas. Eu até posso inverter um pouco aqui a lógica e perguntar-vos assim: mas então não é verdade se uma equação, uma fórmula possível é esta - eu mais tu igual a nós? A lógica normal é essa. Um singular mais um singular dá um plural. E se eu invertesse a lógica dessa equação e dissesse assim: o nós é igual ao eu mais tu. Se quiserem, há uma anterioridade do plural sobre o singular. Antes de sermos indivíduos, somos participantes de uma comunidade que nos faz ser nós próprios.

Isto para mim, deixem-me que vos diga, é das principais convicções da minha vida, que eu tive a ocasião de vos amadurecer. Discorri sobre muita coisa, sobre o nosso corpo, como o lugar da interação que nos é permitida, o nosso olhar recíproco, provavelmente como o mais rudimentar modo de relação mútua.

¹ A tese de Doutoramento de Luís Moita foi publicada em 2024 na Coleção OBSERVARE, uma reedição intitulada “O sentido moral da comunhão humana”, e-ISBN 978-989-9002-50-0, <https://doi.org/10.26619/978-989-9002-4>.

Se alguma vez conseguisse escrever um livro razoável, seria sobre o tema do olhar humano, a sua enorme capacidade de dispersão.

Quando admitimos o nosso pensamento, que poderia ser considerada como a mais solitária, a mais isolada de todas as nossas atividades. Mas então, pensar o que é? É interiorizar uma linguagem partilhada a um código de significados que nos é comum e que nós interiorizadamente atribuímos ao facto de pensarmos.

Este tema que eu aqui estou a aflorar convosco suscita, até quem sabe, um debate filosófico interessantíssimo. E há aqui alguns filósofos ilustres, que eu espero não me envergonhar perante eles, que é, digamos, o que é que é primeiro? É a essência ou é a relação? É a substância ou é a relação? Este é um debate que vem desde Aristóteles, passa por Spinoza e muitos outros. Para se centrar nesta dúvida que é assim, o que há é uma substância que se relaciona com outra substância. E, portanto, a relação é episódica, é um acidente. Um acidente de percurso. E se o contrário fosse mais verdade? Se a relação fosse anterior à própria substância? Se fosse a relação que desse consistência às coisas na sua própria natureza? Aqui, mais uma vez, se invertem os termos previsíveis da nossa equação, porque, reparem, a relação é sempre uma coisa frágil, é um vai-vem, é um fluxo, pode-se perder, pode-se degradar. E, no entanto, não obstante a sua fragilidade, é ela que dá consistência às coisas e, portanto, a nós próprios como seres que vivemos em relação. Portanto, para além do seu efêmero, para além do seu vai-vem, a relação é fonte de consistência.

E aqui coloca-se, meus amigos, uma enorme prerrogativa de nós, seres humanos. É que à conta de estabelecermos relação positiva entre nós, estamos-nos a construir. Nós podemos ter, digamos, uma interação positiva e construtiva na nossa existência. De algum modo, nós sabemos bem isso, porque quando há um indivíduo, quando há uma pessoa, objeto de desdém, objeto de indiferença, alguém a quem ninguém liga importância, podemos dizer: é um ser desfeito. A relação desvale. Portanto, a seriedade desta convicção, deixem-me que vos diga, é a grande questão da ética, da nossa responsabilidade moral. Assumirmos e tomarmos a sério esta cumplicidade na reciprocidade relacional que une os nossos destinos. Mas também vos digo que temos que estar longe de uma visão de inocência ao considerar isto que vos estou a dizer. Porque bem sabemos que, como contrapartida desta extraordinária

prerrogativa de nos construirmos reciprocamente, há o reverso da medalha, que é a possibilidade de nos destruirmos. O que é terrível e inquietante para os nossos destinos. Por isso eu digo que estamos longe de uma visão de inocência. E eu sem vos querer estar a maçar muito, já nem sei há quanto tempo estou a falar, ainda de há um bocadinho.

Estou-vos a recordar coisas que eu aprendi, por exemplo, com a etologia, com o Konrad Lorenz, um homem admirável, que me fez ver a importância que tem a agressão no ser humano. E já não falo do Freud, que mais tarde havia de identificar que na nossa existência há uma espécie destes dois impulsos contraditórios: o princípio do amor e o princípio do ódio. O que ele chamava de “destrudo”, a possibilidade de destruição que é inerente à nossa condição humana. Se querem acreditar, o homem que mais longe me levou na compreensão disto, deste absurdo, de nos destruirmos uns aos outros, foi Sartre.

Sartre, num dos seus livros, tem uma cena admirável que ele descreve, imaginem, dois namorados que numa manhã cedo de outono vão beijar-se para o Jardim du Luxemburg, em França, em Paris. Estão sozinhos, foram cedo para lá, o mundo é deles... o mundo é deles... até que um dado momento, lá ao fundo da Alameda, há o jardineiro que está a recolher as folhas secas do outono e que de repente dá com os olhos neles. Diz o Sartre: roubou-lhes o mundo, objetivou-os, tornou-os objeto de observação por parte de um terceiro. E eles certamente sentiram o desconforto de se sentirem observados. Isto em Sartre tem uma outra expressão, já agora se me permitem, uma coisa, algo dura de ouvir numa peça de teatro dele, chamada “à huis clos”, à porta fechada. Ele põe meia dúzia de personagens numa sala de espera para serem atendidos por uma entidade que a gente nunca percebe bem qual é. Se é uma polícia, se é um tribunal, se é o quê, estão ali em sala de espera. E a espera torna-se interminável. De tal maneira que a um dado momento eles começam a perceber que o castigo que lhes estava reservado era estarem juntos uns com os outros naquela sala de espera. Ele tem aquela frase terrível, terrível e perturbadora, que é: “o inferno são os outros”, diz ele. Aliás, alguns romances do Paul Auster, pelo menos na sua primeira fase, são muito vibrantes também

quanto a este aspeto, porque com muita frequência são circunstâncias do detetive que observa ou do outro que tenta pesquisar.

As pessoas, ao observarem-se, destroem-se reciprocamente, perdem-se nesse seu ato. Isto, como digo, impede-nos qualquer tentação de inocência, de ingenuidade, ao considerarmos o potencial da relação humana. Confesso-vos que depois, à medida que eu fui avançando no meu percurso intelectual, fui encontrando muitas Ciências, muitas aproximações onde esta questão da relação é aprofundada.

Se quiserem, já na própria ética, para mim era claro que os imperativos derivam sempre de algo situado e os valores, os valores, meus amigos, quando sempre me perguntavam: mas, afinal, os valores são objetivos ou são subjetivos? A minha resposta era permanente. Os valores são intersubjetivos. Emergem da relação situada entre pessoas no enquadramento da nossa vida concreta. Para mim, os valores nem estão fundados na transcendência nem na natureza. Não partilho as teses do direito natural nesse aspeto. Os valores são construídos por nós, reconhecidos e alimentados por nós, são cavalgados por nós no quadro da relação situada e intersubjetiva.

E o que é curioso, e vou abreviar muito isto para não vos saturar tanto, o que é curioso é que, na sequência de disciplinas que podemos ir vendo, nós vamos sempre encontrando este carácter relacional das coisas. Há pouco falei em Freud. O que é que é o freudismo, se não a identidade de um triângulo relacional primordial, edipiano, que é constitutivo depois de muita da nossa conduta posterior?

Ainda anteontem, numa aula de doutoramento, eu fiz referência a uma disciplina, por exemplo, como a Antropologia, que se vai debruçar sobre os chamados - mal chamados - povos primitivos, sociedades pré-industriais. E o que é que vai identificar nelas? Qual é a estrutura dominante daquelas sociedades? O que é que dá consistência àquele conjunto? Eles dizem: é a relação de parentesco. É o conjunto de interações na família alargada, que inclusive se projeta no próprio processo produtivo, é isso que constitui, digamos, a malha que dá consistência às sociedades desse tipo.

E depois, mais tarde, o Marx, quando analisa a sociedade industrial, já bem diferente desta, que nos vem ele dizer? Que são as relações sociais de produção o essencial, a estrutura basilar das nossas sociedades. Ele tem coisas admiráveis, por exemplo, na segunda tese sobre, aliás, na sexta tese sobre Feuerbach, eu disse Feuerbach: se eu estivesse numa aula a sério, eu não me continha, e dizia assim, meus amigos, há um Marx da idade adulta, madura, que faz o Capital, e há um Marx jovem, que tem obras filosóficas interessantíssimas. E uma dessas obras é sobre as teses de Feuerbach.

Feuerbach é um pensador alemão muito influente dos princípios do século XIX. Escreveu um livro chamado A Essência do Cristianismo, onde ele, enfim, fundamenta um princípio fundamental, que é o do materialismo. Isso depois junta-se com a herança de Hegel e dá um materialismo dialético em Marx.

Portanto, eu tenho que explicar depois aos alunos quem é o Feuerbach, quem é o Marx jovem. Não é isso que eu estou aqui a fazer aos presentes que já são muito batidos nestas coisas, mas o que é facto é que, pouco a pouco, pela Antropologia, pela Sociologia e pela crítica do capitalismo em Marx e pelas relações de produção, nós depois vamos encontrar um tema já quotidiano, onde também a relação aparece enfaticamente. O tema da sociedade-rede, característica da atualidade, onde também, e ainda, o que está presente é uma malha de interações a formar rede nos nossos contactos e nas nossas formas de vida, constituindo teias de aranha flexíveis e, todavia, fortes e flexíveis. Todavia, fortes, porque, muitas vezes, o flexível dá força àquilo que parece frágil. Muito de passagem, só para não deixar de fazer referência a isso.

Ao penetrar, bem mais tarde, em coisas de que eu mal sei, como é a Física Quântica, e as descobertas a esse respeito, eu sou apanhado de surpresa, como um murro no estômago, a compreender que o átomo, que nós consideramos que é a parte mais infinitesimal da matéria, o átomo, meus amigos, é um enorme vazio, no qual circulam, à velocidade da luz, a 300 mil quilómetros por segundo, as partículas a que damos nomes, como protões, fotões, positrões, bosão de Higgs.

Quer dizer, a matéria é relacional. E nós perguntamos a nós próprios se afinal toda a matéria não é resolúvel em energia, porque o que se trata é de campos magnéticos e interação. Portanto, a própria Física nos põe essa questão.

E já agora, se não fosse exagerar na extrapolação, há pouco referi os que têm na cabeça a tradição judaico-cristã. Eu atrevia-me a dizer que aquele a quem se poderá chamar Deus, em última análise, é também na sua essência relacional. Há uma passagem maravilhosa do Livro dos Reis, na tradição judaica, em que o profeta Elias é avisado de que vai ter um encontro com Deus. Ele espera uma manifestação violenta e poderosa da divindade. E diz o Livro que houve um grande terramoto e não era Deus. Houve um vento insuportável e não era Deus. Houve um fogo fulgurante e não era Deus. E de repente sentiu uma brisa suave, tapou a cara com a capa e disse: aí está Deus. Deus é uma brisa suave. É frágil na sua interação interna.

Desculpem abusar, quem sabe, da vossa paciência acerca destas coisas, mas se a gente fala em Trindade, cada uma das entidades que compõe o nosso Deus, só o é em relação com os outros. Deus é relação.

Com quanto desplante da minha parte, eu vos faço este itinerário. Este itinerário, e o que é facto é que eu, depois de tudo isto, não sei se como uma maldição, se como uma bênção, vim parar a um domínio de relações. O domínio das Relações Internacionais. E nisto estou dedicado há várias dezenas de anos, desde que a Universidade Autónoma me admitiu aqui como docente nessa área.

Aí escuso vos dizer, e não vale muito a pena argumentar, e sobretudo não me peçam para falar sobre Relações Internacionais, sob pena de eu não me calar. Estamos aqui num domínio onde subitamente o perímetro da situação, a delimitação da conjuntura se alarga e atinge povos e nações, Estados e coligações. Em última análise, e no limite, a Humanidade inteira. E grandes desafios se colocam a quem considera essa extrema complexidade da vida internacional. Muitos dirão, atenção a uma coisa, se se passa para as Relações Internacionais, estamos a mudar de registo.

Estamos a mudar de registo, passamos para um registo duro do poder, das relações do poder, do uso da violência. E eu digo, é verdade, não há poder sem violência. Essa equação também está sempre presente na nossa maneira de pensar.

Mas o nosso atual sistema de Relações Internacionais manifesta-nos tão grandes distorções, tantas descontinuidades na relação, que é difícil para nós sermos conformistas em relação a ele. Quando eu falo de distorções, falo de dissociações entre o económico e o social, entre a justiça e a liberdade, entre a humanidade e a biosfera, aquela que de momento parece ser a mais dramática destas disfunções. Mas a minha convicção, também gostaria de partilhar convosco, é que quando se muda para este registo do internacional, não passamos para a esfera do anonimato.

As multidões, por mais numerosas que sejam, são compostas de pessoas humanas, e cada pessoa é em si um fim inquebrável, inquebrável. Isto só para dizer que, no quadro de todo este pensamento que vos vim a dizer, o tratamento do processo das Relações Internacionais, da minha parte, não é pensável, se não for um projeto de humanização, onde nos construímos reciprocamente e tentar não nos destruímos uns aos outros, agora em grande escala. Agora, em grande escala.

Eu vou terminar. Por tudo isto, a ideia da relação é um conceito-chave que pode atravessar todos os nossos campos de saber, desde daqui das partículas subatómicas até ao sistema internacional e à humanidade no seu conjunto. Está lá presente como tema suscetível, por um lado, de nos fazer compreender melhor a realidade, e por outro lado, de nos responsabilizar face a ela. É aqui a grande questão que eu gostava de vos tocar. Quer dizer, a minha moral da história seria esta: A realidade é relacional. O frágil dá consistência àquilo que parece forte. O vai e vem, afinal, é consistente. Mas eu falei do sistema internacional.

Mas eu permito-me introduzir aqui uma incógnita, uma dúvida de morte em todo este discurso e que pode, quem sabe, pôr em causa tudo o que eu acabei de dizer. E se, para além do sistema internacional, existirem outros mundos? Se a realidade interplanetária se vier a confirmar? Se

nós, a um dado momento ficarmos historicamente confrontados com o contacto com civilizações de outros planetas? Eu aqui quero-vos dizer uma coisa. As pessoas que me conhecem mais de perto sabem a minha preferência por certos autores de banda desenhada. O Hugo Pratt, com o Corto Maltese, obrigatoriamente, mas também o Bill Watterson, que é um americano, que fez aquela banda desenhada genial, com a designação do Calvin e o Hobbes. Um miúdo traquinas, sobredotado, inseparável do seu tigre de peluche.

E, a um dado momento diz o Calvin para o tigre: a maior prova de que há seres inteligentes no Universo é que nunca quiseram contactar-nos.

Isso, portanto, é uma inquietação, saber o que está para além de nós próprios e que mundo será esse enigmático de que, às vezes, a ficção científica nos fala, e perdoe-se-me esta minha ligeireza para terminar. Aliás, para terminar, normalmente, no discurso político e em tantas outras circunstâncias, quando as personagens acabam de discorrer e querem fugir dos órgãos de comunicação, dizem assim: Obrigado!

Eu também vou responder com um Obrigado. Vou terminar com um Obrigado. Mas o Obrigado, acreditem que não é só um remate, é uma expressão da minha gratidão por aqueles que aqui estão, por os que me ouvem.

Porque esta minha convicção de que se eu existo agora como pessoa e não como ser inanimado, é porque vocês aqui estão, me escutam com cordialidade, com interação, mesmo que da vossa parte pareça passiva, mas eu sei bem que não está a ser. E por isso eu concluo, mas agora com esta outra densidade, a dizer-vos: Obrigado!

Luís Moita

Universidade Autónoma de Lisboa, 11 de julho de 2019

**O PERCURSO
DO PROFESSOR LUÍS MOITA
NA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA
DE LISBOA**

Brígida Brito

O PERCURSO DO PROFESSOR LUÍS MOITA NA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

O Professor Luís Moita iniciou a atividade docente em 1988 no Departamento de Sociologia na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), lecionando as disciplinas de *Sociologia e Economia do Desenvolvimento*, *Sociologia e Economia das Relações Internacionais*, *Sociologia e Economia da Cooperação Africana* e *Sociologia das Religiões*.

Ainda que mantivesse atividade docente, em 1992 assumiu a função de Vice-Reitor da UAL, função que desempenhou até 2009. Em 2007, foi nomeado Diretor do Departamento de Relações Internacionais, cargo que assumiu até 2019.

Foi Professor Catedrático em Relações Internacionais, tendo coordenado a criação de vários cursos de Pós-Graduação, o *Mestrado em Relações Internacionais* e o *Mestrado em Estudos da Paz e da Guerra*, bem como o *Doutoramento em Relações Internacionais: Geopolítica e Geoeconomia*. No âmbito da formação avançada coordenou e integrou equipas de lecionação em Seminários especializados. Ao longo do tempo, defendeu a importância da criação de Cátedras, espaços privilegiados para o acolhimento de especialistas de reconhecimento nacional e internacional. Neste contexto, dinamizou a criação do programa de Cátedras da UAL na área dos estudos internacionais, que integrou a *Cátedra Halford Mackinder* de Geopolítica, a *Cátedra Joseph Schumpeter* de Economia Internacional, a *Cátedra Fernand Braudel* de Teorias das Relações Internacionais e a *Cátedra Norberto Bobbio* de Direitos Humanos.

A atividade pedagógica do Professor Luís Moita foi complementada pela coordenação de projetos de investigação desenvolvidos em equipa, destacando-se *Aliança das Civilizações: Uma Possibilidade?*, *Metamorfoses da Violência*, *Estudo da Estrutura Diplomática Portuguesa*, *A Questão do Ambiente: Estratégias Internacionais*, e *Cidades e Regiões – Paradiplomacia Portuguesa*. Mas também coordenou estudos apresentados em Congressos Internacionais do OBSERVARE, sob os temas *O Conceito de Nova Ordem e os Regimes Institucionais*, *Democracia Cosmopolita e Constitucionalismo Global* e *Uma Arquitectura Multi-Nível para a Governação Global*. O projeto em que trabalhava mais recentemente era *Movimentos Sociais Transnacionais*.

A preocupação e o interesse com o conhecimento favoreceram a projeção e a concretização de diversas iniciativas, destacando-se o Observatório de Relações Exteriores que criou em 1996 e que foi reformulado em 2010 com o OBSERVARE. Em 1998 criou o *Instituto Sócrates para a Formação Contínua*, com oferta formativa diversa, incluindo questões de política internacional, economia e cultura.

Os produtos e a divulgação científica revelaram-se também de grande importância para o Professor Luís Moita. Com esta preocupação, em 1996 criou o *Anuário Janus*, com edição regular até à atualidade como uma publicação “de especialistas para não especialistas”. Em 2010, criou a revista científica *JANUS.NET, e-journal of International relations*, seguindo critérios de rigor metodológico e científico certificados pela necessária avaliação cega por pares e pela indexação em redes internacionais. Em 2014, a revista foi superiormente reconhecida com a indexação à Scopus. A preocupação com divulgação alargada em modalidade de acesso livre (*open access*) da produção científica das equipas do OBSERVARE, enquadradas por linhas de investigação, levou à criação de uma linha de publicação em livro denominada *Coleção OBSERVARE*.

A partilha de conhecimento, e a sua discussão com base na apresentação de resultados da investigação, promoveu a organização de quatro *Congressos Internacionais OBSERVARE* realizados em 2011, 2014, 2017 e 2021, envolvendo especialistas nacionais e estrangeiros renomados. Com o objetivo de reconhecer e homenagear o trabalho individual ou coletivo, foi criado pelo Professor Luís Moita o *Prémio OBSERVARE*. Neste âmbito, foram distinguidas as atividades coletivas da Organização Internacional do Trabalho, do Conselho Português para os Refugiados e do Instituto de Defesa Nacional. Os homenageados individuais foram Mariano Aguirre, Catarina de Albuquerque e o Secretário-Geral da ONU, António Guterres.

Além das funções desempenhadas e das atividades e inúmeros projetos idealizados e promovidos, toda a Universidade Autónoma de Lisboa - corpo docente dos diferentes departamentos, corpo discente, funcionários e colaboradores, Administração e Reitoria - reconhece e valoriza o seu mérito.

Para todos, o Professor Luís Moita era uma pessoa afável e cordial, acolhedora e de de proximidade. Com o seu perfil tranquilo, procurava ser justo e com

o seu sorriso fácil apaziguar as relações. De forma genuína, o Professor Luís Moita aproximava as pessoas, criava pontes e negociava mesmo nas situações mais complexas. Era um homem de esperança, característica que foi alimentando ao longo da vida e que, de forma sábia e ímpar, transmitiu a todos os que com ele se relacionavam.

Brígida Brito

Coordenadora da Cátedra Luís Moita: Humanismo e Relações Internacionais

9 de abril de 2026



Professor Luís Moita na sua última lição.
Créditos: UALMedia



Este tema que eu aqui estou a aflorar convosco suscita, até quem sabe, um debate filosófico interessantíssimo. E há aqui alguns filósofos ilustres, que eu espero não me envergonhar perante eles, que é, digamos, o que é que é primeiro? É a essência ou é a relação? É a substância ou é a relação? Este é um debate que vem desde Aristóteles, passa por Spinoza e muitos outros. Para se centrar nesta dúvida que é assim, o que há é uma substância que se relaciona com outra substância. E, portanto, a relação é episódica, é um acidente. Um acidente de percurso. E se o contrário fosse mais verdade? Se a relação fosse anterior à própria substância? Se fosse a relação que desse consistência às coisas na sua própria natureza? Aqui, mais uma vez, se invertem os termos previsíveis da nossa equação, porque, reparem, a relação é sempre uma coisa frágil, é um vai-vem, é um fluxo, pode-se perder, pode-se degradar. E, no entanto, não obstante a sua fragilidade, é ela que dá consistência às coisas e, portanto, a nós próprios como seres que vivemos em relação. Portanto, para além do seu efêmero, para além do seu vai-vem, a relação é fonte de consistência.

Luís Moita

AUTORES QUE COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Brígida Brito
Luís Moita